As casas de Jesus no Evangelho Segundo Marcos: os ambientes domésticos como espaços da Palavra de Deus

The houses of Jesus in the Gospel According to Mark: domestic environments as spaces of the Word of God

Fabrizio Zandonadi Catenassi[1] e Ildo Perdondi[2]

Submetido em 13/03/2026
Aceito em 14/04/2026

RESUMO

Este artigo propõe como objetivo uma análise teológica das casas de Jesus no Evangelho Segundo Marcos (Mc 2,1.15; 3,20; 7,17; 9,28.33; 10,10), com o enfoque na relação das casas com a Palavra de Deus, por meio de uma análise literária e sócio-histórica. Com base nisto, discutimos a importância dos ambientes domésticos para a Igreja de hoje, a partir de documentos da CNBB, como espaços privilegiados para a experiência com a Palavra de Deus, sendo um ambiente-chave para a proposta da Animação Bíblica da Pastoral (ABP). A casa constitui um motivo literário distintivo do Evangelho Segundo Marcos quando comparado aos Sinóticos. Na primeira porção do texto, a casa de Jesus estrutura novas relações, acolhendo os pecadores e oferecendo-lhes perdão, em contraste com a sinagoga e o Templo. A partir de Mc 7,17, as casas de Jesus são um espaço para um ensinamento particular aos discípulos, lugar de oração e serviço. A importância da casa é um reflexo de seu papel para a comunidade marcana, e inspira a ABP, sobretudo como uma provocação para pensar em como pode ser realizada fora do ambiente paroquial, a partir de diferentes formas de pequenas comunidades, alicerçadas na Palavra de Deus.

Palavras-chave: Evangelho Segundo Marcos, casa, casas de Jesus, Igreja Doméstica, Animação Bíblica da Pastoral.

ABSTRACT

This article proposes a theological analysis of the houses of Jesus in the Gospel According to Mark (Mk 2,1; 2,15; 3,20; 7,17; 9,28.33; 10,10), focusing on the relationship between houses and the Word of God, through a literary and socio-historical analysis. Based on this, we discuss the importance of domestic environments for the Church today, based on texts from the National Conference of Bishops of Brazil, as privileged spaces for experiencing the Word of God, being a key environment for the proposal of Biblical Animation of Pastoral Ministry. The house

1 Doutor em teologia pela PUCPR. Professor no Programa de Pós-Graduação em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil. E-mail: fabriziocatenassi@gmail.com.

2 Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Professor na Faculdade Claretiana de Teologia - Studium Theologicum, Curitiba, Brasil. E-mail: ildoper@gmail.com.

is a distinctive literary motif in the Gospel According to Mark when compared to the Synoptics. In the first part of the text, Jesus' house structures new relationships, welcoming sinners and offering them forgiveness, in contrast to the synagogue and the Temple. From Mark 7,17 onwards, Jesus' houses are a space for private teaching of the disciples, a place of prayer and service. The importance of the house reflects its role in the Markan community and inspires the Biblical Animation of Pastoral Ministry, above all as a provocation to think about how it can be carried out outside the parish environment, based on different forms of small communities founded on the Word of God.

Keywords: Gospel According to Mark, house, houses of Jesus, Domestic Church, Biblical Animation of Pastoral Ministry.

1 Introdução: a casa no Evangelho Segundo Marcos

Desde a Antiguidade, o núcleo fundamental relacionado à economia e às relações sociais, incluindo as de produção, é a casa (Schlaepfer, 2022, p. 39). Essa é a realidade típica do povo de Israel desde suas origens, de forma que os espaços familiares tenham sido comumente revisitados como lugares de resistência às instituições violentas e de dominação internas e estrangeiras. A literatura sagrada cristã assumiu a importância da casa a partir de referenciais históricos e socioeconômicos (Schlaepfer, 2022, p. 39), mas também a fez ocupar o lugar de um símbolo religioso fundamental para o Novo Testamento.

No conjunto neotestamentário, a casa é explorada de modo particular pelo Evangelho Segundo Marcos,[3] descrita com variedade de vocábulos, sendo o espaço arquitetônico mais elaborado, caracterizado com sete palavras que descrevem o todo ou suas partes: *oikía*[4] (casa), *oikos* (casa), *thýra* (porta), *stége* (teto), *dôma* (terraço), *katályma* (sala dos convivas), *anágaion* (sala superior) (Malbon, 1985, p. 290). Na história da pesquisa, buscou-se identificar nuances semânticas entre os termos que definem a casa em sua totalidade, *oikía* e *oikos*,[5] mas o texto marcano não apresenta distinções significativas, sendo utilizados em contextos similares no Evangelho.[6]

A casa é um motivo literário com *função estruturante* na narrativa marcana. Soares e Correia Júnior (2002) entendem toda a primeira parte do Evangelho (1,1–8,26) como organizada a partir do símbolo-eixo da casa. A organização do Evangelho Segundo Marcos por Pikaza (2012) compreende que em 3,7–6,6a o texto prioriza uma "nova comunidade: casa e família", na qual um novo esquema de vida ou movimento social formam uma nova estrutura de relações entendidas em relação a Jesus, que causam conflitos das mais diversas naturezas.

Collins (1993, p. 7) defende que a casa como cenário também está em função do *apelo retórico* do Jesus marcano: com o motivo da casa, o discurso de Jesus atravessa as

3 O estudo de Manns (1992, p. 2-5) traz um histórico sistemático, ainda que breve, das investigações sobre a casa em Marcos; Aranda (2012, p. 23-35) oferece uma leitura sistemática e detalhada dos trabalhos sobre o tema.

4 A transliteração para o grego nesse artigo segue a proposta de Swetnam (2004, v. 1, p. 11-13).

5 Supôs-se que *oikos* estivesse ligada à casa como lugar de habitação, linhagem e patrimônio e que *oikía* refletisse dimensões mais pessoais, como a vinculação do ser humano com seu domicílio, os objetos nele, ou os que nele habitam, uma "casa/lar" (Schlaepfer, 2022, p. 41 e 44).

6 Uma documentação dessa opção é apresentada em Manns (1992, p. 7), Malbon (1986, p. 107-108) e Aranda (2012, p. 21). De fato, os textos nucleares de Bauer *et al.* (2021, p. 616-617 e 619-620) e Michel (2013, p. 15-17) não apontam diferenças significativas para os dois termos em relação a Marcos.

realidades dos que o escutam, atingindo-os "em casa". Essa função pragmática também carrega uma crítica profunda na sociologia marcana. Os retratos da casa e campo contrapostos à sinagoga seguem as caricaturas dos pobres e ricos que espelham o quadro social da época, de forma que o uso esmerado do espaço sociossimbólico retrata Jesus lutando contra a ordem simbólica vigente (Myers, 1992, p. 62 e 193).

O motivo da casa se densifica no Evangelho quando, em sete vezes, Jesus é mencionado em sua casa[7], retratando a casa do próprio Senhor (Mc 2,1; 2,15[8]; 3,20; 7,17; 9,28.33; 10,10). Muitas dessas ocorrências envolvem o ensinamento privado de Jesus aos discípulos, retratando com amplitude a valorização dos ambientes domésticos como espaços de manifestação da fé, sobretudo de aprofundamento da relação com Jesus. Nesse sentido, este artigo propõe como objetivo uma análise teológica das casas de Jesus no Evangelho Segundo Marcos, com o enfoque na relação das casas com a Palavra de Deus. A análise será feita considerando sobretudo dados literários da obra marcana e informações sócio-históricas relativas à comunidade na qual nasce o Evangelho. A partir disto, construímos a base para discutir a importância dos ambientes domésticos para a Igreja de hoje, com base em textos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), como espaços privilegiados para a experiência com a Palavra de Deus, sendo um ambiente-chave para a proposta da Animação Bíblica da Pastoral.

2 A "casa de Jesus" estruturando novas relações

As três primeiras menções à casa de Jesus a colocam como espaço de restauração da saúde e ensino, mas em um conjunto de significados complexo. Partem da pregação do Reino com palavras e sinais, mas revelam um sistema de contrastes e controvérsias, que conjuga exigências fundamentais de unidade e novas relações. Passemos a discutir cada um dos textos.

2.1 Mc 2,1: a casa em contraste com a sinagoga

> "Entrando novamente em Cafarnaum, depois de alguns dias ouviram que Ele estava em casa" (2,1)[9].

---

7 Em Mc 2,1; 3,20; 7,17; 9,28 Jesus está "em casa". A expressão "em casa" (gr., *en oikō*), sem artigo definido, poderia ser traduzida com o indefinido "em uma casa", mas é provável que o estado constructo hebraico tenha influenciado o grego de Marcos, de forma que, mesmo sem artigo, se refira a um lugar determinado (Blass; Debrunner, 1961, p. 135). O texto de 9,33 ("na casa") retoma o "em casa" de 9,28.

8 Em uma análise pormenorizada do termo "sua casa" em Mc 2,15, Malbon (1985) indica que se refere à residência de Jesus em Cafarnaum, e não à de Levi, por alguns motivos: (a) gramaticalmente, os pronomes imediatamente anteriores no texto (*auton* e *autō*) referem-se universalmente a Jesus; (b) na lógica narrativa, como Jesus diz a Levi "segue-me", ele estaria liderando o caminho para a sua própria casa; (c) Jesus é o anfitrião em Mc 2,17; (d) a identificação explícita da casa como sendo de Levi em Lc 5,29 não é um esclarecimento, mas uma alteração redacional deliberada de Lucas para diminuir a natureza ofensiva da conduta de Jesus, enquanto Marcos mantém a radicalidade de Jesus acolhendo marginalizados em sua própria casa, que funciona como um protótipo simbólico da comunidade cristã. Além do mais, o pronome "sua" em 2,15 estranhamente seria referente a Levi. Soares e Correia Júnior (2002, p. 123-124) leem o chamado de Levi como um abandono das relações simbolizadas pelo trabalho e pela estrutura familiar tradicional, redefinindo os vínculos econômicos ou infra-estruturais com o sistema produtivo a partir do reino, de forma que a nova casa de Levi não seja a de Alfeu, mas a de Jesus.

9 As traduções bíblicas são próprias, realizadas a partir do texto grego da 28ª edição de Nestle-Aland (Nestle *et al.*, 2012)

O evangelista diz sem mais precisões que Jesus estava "em casa", o que deve indicar que essa casa já havia sido mencionada.[10] À luz da macronarrativa, pode ser identificada como a casa de Simão Pedro e André, como local de referimento do ministério de Jesus em Cafarnaum. É provavelmente o lugar da cura da sogra de Pedro e onde o povo reunido ao final da tarde foi curado (Mc 1,33).[11] A relação que se estabelece entre 1,33 e 2,2.4 permite-nos andar em tal direção (Donahue; Harrington, 2002, p. 93; Perego, 2011, p. 70). Segundo Soares e Correia Júnior (2002, p. 113), "trata-se com toda probabilidade da mesma casa mencionada em 1,29, a casa de Simão", pois ao mencionar pela primeira vez explicitamente "a casa de Jesus" em 2,1 se diz que ele foi para lá "de novo". Marcos resgatará esse motivo da casa emprestada para localizar Jesus celebrando a Ceia Pascal, onde fará a instituição da Eucaristia (Mc 14,12-25).[12]

Jesus, portanto, torna sua a casa de alguém, onde está hospedado, sendo amparado pela família dos pescadores Simão e André. O movimento retratado não é de elite, mas de trabalhadores que abandonarão tudo para seguir Jesus (Mc 10,28-29), diferente da aristocracia que não quer perder seus privilégios (Mc 10,17-22), o que fornece ao leitor um marcador de localização social da ação de Jesus junto aos marginalizados (Myers, 1992, p. 176). Ali estão alguns eruditos escribas (2,6), que também formavam parte da elite social de seu tempo e atuavam fundamentalmente no espaço da sinagoga, já retratada simbolicamente na narrativa como lugar de possessão demoníaca, de incapacidade de vencer o mal (Mc 1,21-28). Em contraste, na casa não há atuação demoníaca, mas ensino e restauração da saúde.

A casa aparece servindo a dois propósitos fundamentais na narrativa. O primeiro é demarcar o desejo de Jesus de apartar-se das multidões, em função do segredo messiânico marcano (Collins, 1993, p. 6-7). O segundo é o movimento que faz o Evangelho levando Jesus para as margens da vida pública de seu tempo, mas no coração da vida afetiva dos seus, em contraste com espaços de poder judaicos. Nesse ambiente familiar, as multidões vinham de toda parte para encontrá-lo e ouvir sua mensagem. Ao saber que ele estava "em casa" as multidões se aglomeram de tal modo que o ambiente ficou atolado de pessoas. A estas multidões Jesus "anuncia-lhes a Palavra" (2,2), mostrando um salto significativo do Jesus taumaturgo do cap. 1 para aquele que ensina o povo antes de realizar prodígios (Collins, 1993, p. 6). Assim, antes da cura, há a notação do anúncio da Palavra, preparando com o uso desse vocabulário catequético e querigmático o local como espaço de ensino (Manns, 1992, p. 11), como será trabalhado adiante.

A narrativa mostra então quatro homens carregando um paralítico, porém não podiam entrar pela porta totalmente tomada, pois não havia mais lugar. Os quatro carregadores tomam uma atitude drástica: abrem um buraco no teto bem onde Jesus estava e descem o paralítico. A cena dramática bem poderia ter levado Jesus à reprovação diante do estrago na casa, além do risco de feri-lo e de machucar o próprio enfermo. No entanto, a casa aqui é lugar de acolhida e de ressignificação: Jesus se detém em um detalhe pouco valorizado dos enfermos, a fé do paralítico.

---

10 Como defende Manns (1992, p. 10-11) a partir de um argumento narrativo: se tivesse simples sentido adverbial, "em casa" ou "em alguma casa", a multidão teria que procurar saber em qual cada da cidade Jesus estava.

11 Manns (1992, p. 9), comparando a citação da porta em 1,31 e 13,27, atribuiu a esta primeira um caráter de prefiguração da reunião escatológica dos eleitos, porém, com pouca argumentação.

12 A tradição lucana indica que essa mesma casa é também o local onde os discípulos de Jesus, ao redor de sua mãe, estarão em oração após a ascensão de Jesus (At 1,13). Nessa casa acontece o Pentecostes (At 2); é o lugar de refúgio para Pedro quando é libertado da prisão e encontra lá a comunidade reunida (At 12,12).

Era comum a ideia de que se alguém estivesse enfermo, sua condição seria causada pelos pecados do indivíduo. A gravidade do enfermo estaria indicando que seria um grande pecador. Jesus livra o homem da sua enfermidade e o salva realizando duas ações: a cura e o perdão dos pecados, atingindo o mal pela raiz. O homem que havia sido conduzido agora saía livremente e podia carregar ele mesmo o seu próprio leito. Em seu estado paralisado, o enfermo não poderia entrar numa sinagoga para celebrar o sábado, muito menos no Templo em Jerusalém para fazer oferendas por seus pecados. No entanto, a graciosidade de Deus irrompeu na casa de Jesus. Foi nesta casa que ele encontrou compaixão e não o rigorismo da Lei; encontrou a cura da sua enfermidade e o perdão pelos seus pecados.

Tal ação na casa de Jesus, casa de pescadores, funciona como uma ilustração da nova casa de Israel, em contraste claro com a sinagoga. Dewey (1973, p. 394-401) propôs uma estrutura concêntrica entre as cinco controvérsias galileias entre 2,1 e 3,6a, na qual a cura que acontece dentro de uma casa (2,1-12) está em paralelo com a cura dentro da sinagoga (3,1-6a), relacionadas com o verbo "congregar" em 2,2 (*sinēchthesan*, da raiz de *synagagein*). O perdão dos pecados e a restauração da saúde do paralítico acontecem no lugar onde o movimento de Jesus se congrega: a sinagoga já não é mais a referência da intervenção divina, a casa de Israel é a casa onde o próprio Jesus está.[13] Para Schlaepfer (2022, p. 42), trata-se de um rompimento com a instituição judaica; de fato, depois de Mc 2,1-17, os escribas já não são mais mencionados na casa. Se na sinagoga somente os demônios conheciam a identidade de Jesus (1,24), a casa de Jesus é o espaço social no qual todos sabem exatamente quem ele é (Malina; Rohrbaugh, 2018, p. 175).

2.2 Mc 2,15: Jesus à mesa com discípulos, publicanos e pecadores

> "E aconteceu que ele estava reclinado à mesa em sua casa, e muitos coletores de impostos e pecadores estavam reclinados à mesa com Jesus e os discípulos dele, pois eram muitos e o seguiam" (Mc 2,15).

A perícope da vocação de Levi continua a narrativa do perdão dos pecados e a restauração da saúde do paralítico de 2,1-11. Após dar um novo significado para a enfermidade e o lugar dos marginalizados, fazendo sua a casa dos pescadores de Cafarnaum, Jesus chama para o seguimento um coletor de impostos, outra categoria desprezada socialmente. O convite "segue-me" (2,14) é construído com o verbo que dá à ação a categoria de discipulado, não de simples acompanhamento.

Então o movimento de seguidores de Jesus vai crescendo no Evangelho e se configura a partir dos pobres, enfermos sanados, publicanos e pecadores que se tornam discípulos (2,15). Todos eles, fora dos círculos de legalidade e pureza da sinagoga, são acolhidos à mesa na casa de Jesus. O comer junto representa uma acolhida desmedida, um contato próximo e afetivo com este grupo de marginalizados. É uma ceia escandalosa para os padrões religiosos de seu tempo, que causa controvérsia entre os mais "religiosos", escribas e fariseus (2,16). Trata-se de uma nova família na qual os pecadores têm um espaço tal qual o do grupo oficial de discípulos.

Para Manns (1992), as cinco controvérsias galilaicas entre 2,10–3,6 traduzem a consciência de Jesus como Filho do homem, situando-o no tempo e no espaço: na casa de Cafarnaum. O autor segue ressaltando que nela os limites do perdão divino foram alargados para muito além das normas rituais e, assim, sendo a casa símbolo da Igreja, ela é retratada como o espaço privilegiado onde se vive a presença não controversa do

[13] Malbon (1986, p. 192) nota que esse uso inicial de *synágo* é feita conjuntamente à casa, o que parece uma associação comum: o "ajuntar" (*episynágo*) em 1,33 acontece na porta (da casa) e o unir-se ("*synérchomai*") de 3,20 também está em relação com a casa.

esposo. Ali, todos os pecadores são convidados para à mesa, em nome de uma presença misericordiosa que nutre a Igreja com o perdão (Manns, 1992, p. 10).

O caráter exemplar da Igreja pode ser reforçado com a imagem da comida. Essa é a opção de Pikaza (2012, p. 116), que entende a casa de Jesus em 2,15 como a casa da comunidade, um sinal da Igreja, um espaço que vai além da cura e perdão, em direção à comensalidade, à refeição compartilhada na linha do que será a Igreja, um tipo de "primeira eucaristia". Para o autor, estamos diante de um símbolo messiânico: Jesus faz o milagre de unir seus discípulos e publicanos e pecadores à mesa, trazendo a superação de antigas diferenças e reconciliação de grupos divididos, acolhendo na casa messiânica os publicanos, indesejados de Israel (Pikaza, 2012, p. 116).

2.3 Mc 3,20: critérios para estar na casa

> "E foi para casa. E se apinhou novamente a multidão, de tal forma que eles não podiam sequer comer pão" (3,20).

O versículo se localiza no final da primeira campanha de ação direta de Jesus (Mc 1,21–3,35). A análise do espaço simbólico desta seção feita por Myers (1992, p. 190-192) revela uma dialética entre o público e o privado presentes na cura do leproso, na cura do paralítico, e no conflito na sinagoga e no conflito em casa, todas elas culminando com Jesus em casa (Mc 2,1; 2,15; 3,20). Elas articulariam a estratégia de empenho e de afastamento de Jesus que caracterizariam a campanha de Cafarnaum.

Em 3,20, o novo retorno de Jesus à "casa" ocorre depois de uma série de eventos em que Jesus continuou anunciando a boa nova do Reino de Deus, realizando milagres, tendo embates com as autoridades judaicas e, por fim, subindo a montanha onde instituiu os Doze (3,13-19). Ao saber que ele estava em casa, a multidão vinda de todas as partes (3,7-8) acorreu a ele. A sua casa passa a ser o local onde é possível encontrá-lo, ouvi-lo, estar perto dele. A ausência de uma refeição humana (3,20) é substituída pelo novo alimento dado por Jesus: uma comunidade unida pela prática da vontade do Pai.

O conjunto de 3,20-35 forma o que se conhece como interpolação marcana: uma história inserida no centro de outra, emparelhadas de forma que a compreensão de uma esteja pendente da interpretação da outra, relacionando-se por comparação ou contraste (Rhoads; Dewey; Michie, 2002, p. 76-77). Na história das margens (3,20-21 .31-35), a controvérsia com a família consanguínea de Jesus revela a prática da vontade de Deus como o elemento vinculante ao Reino; na história central (3,25-27), a controvérsia de Jesus com os escribas acusadores ensina que uma casa dividida não subsiste.

O texto central mostra que são chamados à casa de Jesus "os escribas que haviam descido de Jerusalém" (3,22), do centro do poder judaico, que o acusam de ter Beelzebu, o príncipe dos demônios, como origem de seu poder. Assim como em 2,1-12, os escribas o denunciam por blasfêmia, e o perdão dos pecados é explicitamente mencionado na resolução da contenda (Donahue; Harrington, 2002, p. 128). A resposta de Jesus resgata o tema da casa que pode estar dividida e, assim, ser derrotada e pilhada, deixando claro que os que estão na casa conhecem bem sua identidade e devem ser diferentes dos que conhecem a religião de seu tempo e a manipulam para seus interesses próprios. Adiante no Evangelho, fica claro que Jesus é o verdadeiro Senhor da casa, que exorcizará os que dividiram a casa de oração (11,15-17) e que virá reclamar o domínio da casa de Deus, o templo (13,35).

Nas margens, a contenda com a família de Jesus deve ser lida a partir desse contexto, de reconhecimento de sua identidade. Parece que se forma uma estrutura já presente no início do Evangelho, como propõe Myers (1992, p. 178):

A os discípulos são chamados (1,16-20)
exorcismo, atrito indireto com os escribas (1,21-28)
em casa com a família de Pedro (1,29-31)
A' os discípulos são designados (3,13-19)
controvérsia sobre exorcismo, atrito direto com escribas (3,22-30)
em casa, atrito com a família de Jesus (3,20-21.31-35).

Os dois blocos de texto afunilam as relações na experiência da casa como consolidação da comunidade formada por Jesus. Há uma esfera positiva, afetiva, em 1,29-31, quando a casa é espaço de milagre que constrói novas relações. Em 3,20-21.31-35, exorta-se que a comunidade que se consolida nas casas não pode dividir-se, mas deve encontrar sua unidade na prática da vontade de Deus. Aí, é o grupo dos "seus" que se preocupa com a fama de Jesus e sai para detê-lo. Não se descreve qual seria a preocupação deste grupo, além de que Jesus "enlouqueceu" (3,21). Seria uma intenção religiosa ou, o que parece mais plausível, uma inquietação política? Jesus poderia significar uma ameaça subversiva e isso poderia ter consequências não só para ele, mas também a seus familiares (Schnackenburg, 2002, p. 79). É desse grupo que se destacam sua mãe e seus irmãos que virão em seguida para visitá-lo (3,31-35)?

Seja qual for a identidade do grupo, parece claro que o texto demonstra que um critério fundamental para simbolicamente "estar na casa" é reconhecer a verdadeira identidade de Jesus, o que não é garantido por laços de parentesco ou tradição religiosa. Dentro da casa a divisão leva à ruína, portanto, a nova família formada se encontra em uma nova prática de vida: todos são convidados a entrar, desde que coloquem em ação a dinâmica do reino. Na eclesiologia marcana, as velhas relações familiares estão em contraposição com as novas, que nascem de estar em torno a Jesus e fazer a vontade do Pai (Aguirre Monasterio, 1984, p. 36).

3 A casa de Jesus como lugar de um ensino particular

Saindo da realidade de Cafarnaum, encontramos outras casas de Jesus. As diferentes localidades destas residências não refletem uma incongruência narrativa do evangelista, mas indicam que a nova "casa de Israel" está formada pelos que a compõem, não por um espaço geográfico específico (Schlaepfer, 2022, p. 43). Além disso, na caminhada de Jesus a Jerusalém, a casa se torna lugar particular dos Doze, espaço de manifestação da incompreensão (Mc 7,18) e de ensino privado dos discípulos. São ambientes de manifestações messiânicas afastados do povo, um lugar de discipulado para aprofundamento da mensagem (Malzoni, 2010, p. 32).

3.1 Mc 7,17: espaço para aprofundar o ensino

> "E quando entrou em casa, separado da multidão, seus discípulos o interrogaram sobre a parábola" (7,17).

A narrativa mostra Jesus separado da multidão que testemunhara a primeira multiplicação dos pães e se aglomerava para recebê-lo na margem do Lago de Genesaré, buscando a restauração de sua saúde (6,53-56). Os fariseus e alguns escribas, novamente vindos de Jerusalém (7,1), criticaram os discípulos de Jesus por comer sem fazer abluções rituais de purificação. Jesus rebateu as acusações citando o profeta Isaías (Is 29,13) e fez duras críticas contra eles, pois desprezam o mandamento de Deus apegando-se às

tradições humanas (7,6-13). O acontecimento serviu de base para ensinar as multidões sobre a pureza interior com a imagem do corpo: o que sai de dentro do ser humano é que o torna impuro, e não o que está em seu exterior (7,14-16).

Chegando à casa, os discípulos o interrogaram sobre esse ensinamento, chamado no evangelho de "parábola", mas que caracteriza melhor uma sentença no estilo *mashal* hebraico, ou seja, uma história comparativa com um valor enfático profundo. O texto deixa claro então que há uma mensagem para o público geral, mas que carrega uma faceta simbólica, que os discípulos querem entender. Jesus oferece o ensinamento mais denso com afirmações e perguntas retóricas: o alimento que entra vai ao intestino e é descartado; a fonte da impureza é o coração humano, capaz de gerar pensamentos e ações maldosas. Jesus conhece com profundidade o coração humano e sabe que ele é quem precisa ser purificado.

Nesse texto, a casa serve como um espaço de afastamento das multidões, uma certa experiência de solidão que abre caminho para um encontro íntimo com os discípulos. Ali, nos momentos mais agudos de cegueira dos Doze, Jesus investe tempo em companhia deles, construindo um ambiente de confiança que certamente reflete o conforto experimentado nas lutas e fraquezas da audiência marcana (Trainor, 2001, p. 15).

3.2 Mc 9,28: a casa é lugar de oração

> "E ao entrar em casa, perguntaram-lhe os seus discípulos, a sós: 'Por que não pudemos expulsá-lo?'" (9,28).

Após a transfiguração (9,2-8), uma grande multidão acorrera a Jesus para saudá-lo (9,15). Um homem havia trazido seu filho endemoninhado, mas os discípulos não haviam conseguido libertá-lo, e discutiam com os escribas sobre isso. Inteirando-se do caso, Jesus repreende o espírito impuro e restaura a saúde do rapaz, colocando-o em pé (9,27). A cena termina novamente em casa, na intimidade dos discípulos com Jesus.

A sós, eles o questionam sobre a razão de não terem conseguido expulsar o espírito que tanto mal fazia ao jovem. O questionamento dos discípulos não é descabido e faz sentido, pois anteriormente haviam sido enviados e investidos deste poder: "e deu-lhes autoridade sobre os espíritos impuros" (6,7). Jesus responde de forma taxativa, um tanto vaga: "Esta espécie não pode sair a não ser com oração" (9,29). Ele poderia ter sugerido que o milagre dos discípulos não aconteceu por falta de fé, já que o próprio Jesus havia testemunhado esse mesmo efeito da incredulidade em Nazaré (6,6). Mas ao mencionar a necessidade da oração, chama a atenção que Jesus sequer havia testemunhado se os discípulos haviam feito uma oração, e ele próprio não o fizera antes de realizar a libertação. O único grito orante foi do pai do menino que fez a sua profissão de fé, crendo na transformação de seu filho, que se tornara um terreno do senhorio de Jesus e da manifestação da sua identidade de Filho de Deus (Perego, 2011, p. 193).

Nesta casa, Jesus diferencia radicalmente a escuta dos discípulos das acusações dos letrados escribas, mostrando que no Reino de Deus o domínio de conceitos, a memorização de trechos da Torá ou a capacidade de discursar não eram o ponto final da formação do seu discipulado. Ao introduzir a oração, Jesus parece estar sugerindo que ele a entende e encara como sendo a prática da reflexão crítica sobre "os demônios de dentro", pois a oração é luta intensamente pessoal no interior de cada discípulo e também coletivamente, para resistir ao desespero que causam a descrença ou o desejo de abandonar o caminho de Jesus (Myers, 1992, p. 310-311). A casa se torna aqui o novo lugar de oração, como a sinagoga o era para os escribas, e a catequese no Evangelho continua, mostrando que a relação filial com Deus traz no coração do fiel uma nova

forma de orar, cheia de fé (11,22-25), é a força para manter-se vigilante nas provas (14,37). Estamos diante de uma nova comunidade, assentada na oração que nasce de uma nova relação com Deus, distinta da dos escribas.

3.3 Mc 9,33: o lugar do serviço

> "E foram a Cafarnaum. E estando na casa, ele lhes perguntou: "O que discutíeis no caminho?"" (9,33).

Após um novo anúncio da paixão e ressurreição (9,30-32), a narrativa marcana apresenta um novo retorno à "casa" (aqui, com o termo *oikía*, e não *oikos*), talvez a mesma de Pedro e André.[14] Este ensinamento não havia sido bem compreendido pelos discípulos, mas eles tinham medo de interrogá-lo (9,32). Sendo assim, a casa torna-se o lugar de um ensinamento ativo de Jesus, que busca desvelar as intenções dos discípulos no final da caminhada a Jerusalém, perguntando "Sobre o que discutíeis pelo caminho?" (9,33). O estudo de Collings (1993, p. 8) nota nesta perícope marcas concretas da redação marcana: a narrativa seguida de diálogo, a dupla referência de lugar no v. 33, a repetição de verbos cognatos nos vv. 33.34, entre outras. Para o autor, encontramos aqui novamente a casa oferecendo um elemento arquitetônico importante para o Evangelho, somada ao retrato de Jesus como interrogador supremo, sendo o mestre que instrui seus discípulos nos padrões do diálogo socrático, assim como em 8,17-30.

A narrativa relata o silêncio envergonhado dos discípulos, que disputavam o título de maior entre eles. O Evangelho retrata Jesus então ensinando sentado (9,35), modelo típico do mestre judaico, recolocando as relações de poder na ótica de seu projeto: "Se alguém quer ser o primeiro, seja o último de todos e servidor de todos" (9,35). Esses episódios acontecem pouco antes da partida de Jesus e seu grupo em direção a Jerusalém, centro do poder religioso e político, de forma que, chegando no ápice das perseguições e controvérsias, Jesus "realmente começa a desmascarar as verdadeiras aspirações dos discípulos ao poder" (Myers, 1992, p. 315). E como gesto simbólico, coloca uma criança no meio deles, em seus braços e a coloca como exemplo de discipulado (assim como em 10,13-16), já que elas estavam no menor nível da pirâmide social e econômica da bacia mediterrânea da época (Myers, 1992, p. 316). Com essa forte imagem, liquida de vez a pretensão daqueles que ambicionavam uma posição privilegiada entre o grupo dos discípulos.

A casa aqui torna-se o local onde a hierarquia vigente é invertida em favor do serviço, servindo como metáfora para a estrutura das igrejas domésticas do cristianismo primitivo (Malbon, 1986, p. 135). As comunidades que enfrentam continuamente perseguições e desafios devem encontrar na lógica do serviço, e não na de comando, uma saída configurada na doação de si próprio para a libertação do outro (Mazzarolo, 2004, p. 199-200). Myers (1992, p. 323) reforça que a tensão formada pela narrativa espelha a

[14] Malbon (1985, p. 290) oferece uma documentação e discussão interessantes sobre a plausibilidade de esta casa ser qualificada como a casa de Jesus, a mesma de Pedro e André em 1,29. Contudo, adverte que a aqui a construção unicamente generalizada "em casa" (*en tê oikía*) foge do padrão já oferecido por Marcos de utilizar *oikos* geralmente modificado com um substantivo ou pronome genitivo para indicar a pertença a Jesus. Collins (1993) dedica seu estudo a analisar o uso específico de *oikía* por Marcos e defende que o verbo vem de seu esforço redacional, colocando a atividade significativa de Jesus em uma casa privada, instruindo seus discípulos longe das multidões e dos fariseus. Preferimos reconhecer aqui a estratégia narrativa marcana de construir um sistema de relações no qual Jesus sempre retorna a uma casa após atividades públicas na Galileia, e a residência de Simão, como já havia sido estabelecida pelo Evangelho como cenário central em Cafarnaum, é retomada na construção narrativa para evocar a nova comunidade surgida no início do ministério público de Jesus.

dificuldade enfrentada pela comunidade marcana em refazer as estruturas de poder na casa, espaço social mais íntimo.

3.4 Mc 10,10: ambiente de um ensinamento novo, que desmascara uma ética desumanizadora

"E, na casa, os discípulos novamente interrogaram-no a respeito disto" (10,10)

Novamente as multidões se reuniram em torno a Jesus e, em meio ao ensinamento, surgiu nova controvérsia, dessa vez com os fariseus, que questionaram se um homem podia repudiar sua mulher (10,2). A pergunta era capciosa, pois sabiam que a interpretação de Jesus "era muito mais ampla que a pobreza da reflexão rabínica" (Mazzarolo, 2004, p. 205), e que tal postura podia colocá-lo contra a Lei, dando motivos para ser acusado formalmente.

A resposta de Jesus aos fariseus esclareceu que o rigor de Moisés só se deu pela "dureza de vossos corações" (10,5) e resgatou a teologia da criação como princípio para ressignificar a legislação vigente sobre o divórcio. A partir desta, Jesus se colocou contra o repúdio da esposa feito pelo marido, claramente valorizando o cuidado com a mulher e o fim de um modelo patriarcal abusivo. Ao resgatar a primeira narrativa da criação (Gn 1,1–2,4), enfatiza que no projeto de Deus há igualdade: o ser humano foi criado macho e fêmea para serem uma só carne. Homem e mulher foram criados para compartilhar amor, intimidade e viverem uma vida de comunhão e não de dominação com superioridade do varão e submissão da mulher.

A cena se desenvolve em um padrão formal semelhante à menção anterior da casa em 9,33 e salvaguarda o caráter redacional, com enfoque literário e teológico (Malbon, 1986, p. 116). Contudo, a controvérsia agora se dá com os fariseus, e não com os escribas. E, chegando em casa, não é Jesus quem toma a iniciativa de questionar os discípulos, mas eles próprios o interrogam a respeito do ensinamento (10,10). A resposta de Jesus é ainda mais ousada, porque iguala a responsabilidade do homem e da mulher no casamento ou na sua dissolução. Dessa forma, "ambas as partes devem ter o direito de tomar a iniciativa e ambas precisam aceitar as responsabilidades e limitações envolvidas na morte do matrimônio" (Myers, 1992, p. 322). Assim Jesus restaura a dignidade e a beleza do casamento e, ao igualar a responsabilidade, devolve às mulheres a dignidade que lhes havia sido tirada pelos legalistas.

A casa aqui, portanto, demarca uma separação clara entre o ensinamento de Jesus que deve ser seguido por seus discípulos e o ensinamento tradicional dos fariseus, expresso na sinagoga como único caminho legal para os judeus (Collins, 1993, p. 9). Em 10,10, encontramos o resumptivo "novamente", que dá a conhecer ao leitor que ele está diante de um padrão já existente, o da instrução privada aos discípulos (como em 4,10; 7,17; 9,28) (Collins, 1993, p. 10).[15] A insistência no padrão de um ensinamento público e um alargamento deste em espaço privado deixa claro que os discípulos confrontam uma ética israelita tradicional desumanizadora (Mc 4,2-20; 7,14-23; 13,3-23; 15,10-20) e a insistência narrativa em Jesus tendo uma casa em Cafarnaum indica que ali estava constituída uma rede de relações com uma forma de vida própria, distinta dos fariseus (Malina; Rohrbaugh, 2018, p. 214 e 420).[16]

---

15 Collins (1993, p. 10) reconhece elementos semelhantes nestes quatro textos de instrução privada: (a) uma menção dos discípulos como sujeito do verbo; (b) o verbo "perguntar"; (c) a identificação do objeto do questionamento, ou seja, o que Jesus disse ou fez.

16 A leitura sociológica de Malina e Rohrbaugh (2018, p. 420) destaca a formação criteriosa do "grupo-dos-de-dentro", geralmente os amigos e a família própria e estendida, que mantinha relações de reciprocidade e tornavam-se "próximos" uns dos outros. Esse tipo de relação social exigia direitos e

Como em 9,33, encontramos "a casa", com artigo e usando a palavra grega *oikía*. A repetição de padrões que vimos até aqui reforça a casa como motivo teológico, não somente lugar de restauração da saúde e ensino, mas um espaço de ensino reservado para os discípulos, em clara oposição à sinagoga e ao templo, operando uma divisão entre os que estão dentro e fora (Manns, 1992, p. 16).

4 A casa supera a sinagoga e o templo e constrói novas relações

Três esferas simbólicas principais estruturam a Palestina agrária segundo a proposta de Myers (1992, p. 193): terra/mesa (esfera econômica), aldeia/casa (esfera social) e sinagoga/santuário (esfera política). O texto de Marcos inicialmente localiza a ação pública de Jesus na sinagoga judaica, a qual tinha encontros diários, desde que tivessem um quórum de dez homens adultos circuncidados; nas regiões interioranas, o dia preferencial para as reuniões era o sábado. Ela é mencionada em textos judaicos como "casa de estudo" e "casa de oração" (p. ex. *Midrash Tehilim* 90, 17). Diferente das múltiplas sinagogas, havia um único Templo em Jerusalém, a "casa de oração" (Is 56,7; Mc 11,17).

O Evangelho Segundo Marcos constrói uma clara tensão entre a casa e a sinagoga, bem demonstrada pelo estudo de Elizabeth S. Malbon (1985). A autora nota um padrão tripartido da atividade de Jesus, paralelo na sinagoga e na casa, em Mc 1–6 e 7–16.[17] Como Jesus declarou uma nova família, mais ampla, formada pelos que fazem a vontade de Deus (3,35), e enviou seus discípulos sozinhos para as casas deles (6,10), a casa substitui a sinagoga como a configuração arquitetônica para o ensino (Malbon, 1985, p. 288-289). A partir dali os escribas acusadores desaparecem e os discípulos entram em cena como a nova audiência do ensinamento de Jesus (7,17; 9,28.33; 10,10), em uma comunidade que encontrou um novo local de reunião (Malbon, 1985, p. 285). De fato, na casa do chefe da sinagoga (Mc 5,38), há falta de fé e zombarias, e as ações típicas da sinagoga no início do Evangelho são transportadas para a casa: é na *casa* do chefe da sinagoga que Jesus cura a sua filha e passa a ensinar, não entrando mais em sinagogas depois do cap. 6.

A casa de Jesus em Marcos, assim, constitui simbolicamente tanto o espaço de separação entre o movimento de Jesus e a sinagoga, como do ensinamento de Jesus e dos princípios defendidos pelos escribas e fariseus. Malbon (1985, p. 287) ressalta que a casa é a marca arquitetônica dominante no Evangelho, espaço preferido de Jesus na segunda porção do texto, e que evoca tanto a sinagoga quanto ao templo, em uma relação de oposição. É ali nas casas das aldeias e povoados que a vida do povo acontece, e para onde Jesus envia alguns dos que foram curados, de forma que a validação de sua saúde não tenha que passar pelo crivo sacerdotal ou erudito do templo e da sinagoga.

Dessa forma, Marcos retrata uma libertação do povo em relação às instituições que o alienam, denunciando seu caráter perverso, vivida sobretudo na casa, espaço de novas relações de gratuidade e acolhimento (Soares; Correia Júnior, 2002, p. 89). É possível que Marcos esteja construindo uma relação de Jesus com a casa nos moldes de Eliseu e Elias,

obrigações próprios advindos da vida social e interação entre eles, como o que se constrói no movimento doméstico de Jesus.

17 Em Mc 1–6: (a) atividade típica: Jesus ensina e restaura a saúde na sinagoga e na casa; (b) atividade principal: refeição partilhada com "cobradores de impostos e pecadores em "sua casa" (2,15-17), primeiro prelúdio da referência marcana à sua morte; (c) rejeição resultante: Jesus é rejeitado na sinagoga em sua própria cidade natal (6,1-6); em 7–16: (a) atividade típica: Jesus ensina em casas que não eram suas e no templo; (b) rejeição resultante e predita: Jesus, predizendo a rejeição do templo por Deus (13,2.14) e a rejeição da sinagoga pelos discípulos de Jesus (13,9), rejeita o templo (13,1.3); (c) atividade principal: Jesus é ungido por uma mulher sem nome na casa de um leproso (14,3-9) (Malbon, 1985, p. 288-289).

um espaço de manifestação divina e de ensinamento.[18] Como a esfera sagrada não fora capaz de acolher e propagar o "novo ensinamento" de Jesus (1,27), ele transborda no reino "secular" (Malbon, 1985, p. 287), na verdade, santificando a vida ordinária do povo e colocando a casa e suas relações como espaço de manifestação do sagrado.

Até que ponto esse motivo literário da casa em oposição com a sinagoga/tempo reflete a realidade histórica da comunidade marcana? Para Myers (1992, p. 230), a narrativa marcana enraíza as histórias em situações e locais típicos da esfera simbólica do judaísmo palestinense (terra e mesa, casa e aldeia, sinagoga), no intuito de aplicar o reino na vida pública. Contudo, o autor defende que a ênfase na casa é uma expressão do distanciamento histórico das comunidades helênicas em relação às estruturas de autoridade, formando um modelo alternativo de relações (3,35) e uma nova estrutura política, a "confederação" (3,13-14).

O texto marcano se esforça por construir a identidade da nova comunidade em ambientes domésticos, o que evoca as casas que acolhiam as reuniões cristãs (Malbon, 1985; Aranda, 2012). Em um estudo de Mc 10,28-31 e 13,16, Theissen (1985, p. 76-77) defendeu que as tradições históricas de Jesus como um pregador carismático itinerante foram modificadas pelo Evangelho, retratando-o em um modo de vida sedentário, valorizando a comunidade doméstica localizada em uma casa. O pesquisador destaca que os ensinamentos privados de Jesus feitos nas casas aos discípulos refletem a necessidade de que haja uma interpretação qualificada para os cristãos que vivem em casa, o que exige uma nova concepção de hierarquia e de ação carismática nas Igrejas marcanas na Síria.

Nessa nova organização social, a opção do Evangelho Segundo Marcos pela casa e não pela sinagoga também é um marcador social do status econômico dos membros da comunidade. O estudo de Smith (2018, p. 212), amparado em dados sociais e arqueológicos dos habitantes do império romano, argumenta que dentre os membros do cristianismo primitivo não se incluíam os ricos, de forma que seu espaço de reunião não podia ser a sinagoga. Por isso, a opção pela casa reflete a inclusão dos pobres como membros igualitários nas comunidades marcanas. Smith (2018, p. 219) indica que a casa é espaço de memória: as primeiras comunidades cristãs preservaram Jesus através das igrejas domésticas; a narrativa de Marcos reflete a realidade dessas comunidades, nas quais a memória da Ceia e dos ensinamentos de Jesus era reativada no cotidiano do lar. Torna-se uma maquete do Reino de Deus: não é um refúgio para se esconder do mundo, mas um centro de irradiação. A "casa" em Marcos antecipa a eclesiologia das primeiras décadas do cristianismo, na qual o ambiente doméstico era o motor da expansão e da resistência espiritual.

5 A casa como inspiração para a Animação Bíblica da Pastoral (ABP)

A argumentação conduzida até aqui abre espaço para compreender que o retrato de Jesus marcano prefere não valorizar os contornos históricos do pregador itinerante. Ao invés, desenha uma Igreja que se consolida e alcança sua identidade nas casas, como lugar do sagrado e de manifestação, ensino e aprofundamento da Palavra. O espaço domiciliar reunindo uma família para além da consanguínea substitui a sinagoga e o templo e constrói novas relações, afastando-se do modelo exclusivista e excludente de ensino dos

[18] Essa é a hipótese de Manns (1992, p. 16-17) construída traçando uma série de paralelos do ciclo de Elias e Eliseu com o motivo da casa nos textos marcanos. O pesquisador reconhece a casa como espaço de cura e ensino dos discípulos ligado ao tema da itinerância profética, como fundamento para um apostolado de Jesus em dois tempos: após as viagens, é necessário um tempo de pausa e aprofundamento.

fariseus e escribas. Provavelmente, isso reflete uma riqueza fundamental experimentada pela audiência marcana: a casa como unidade básica da organização eclesial. Jesus substituindo sua ação na sinagoga pela ação salvífica na residência de Simão e André, chamada de "sua casa" (Mc 2,1), manifesta o caráter eclesial dos espaços domésticos na comunidade marcana.

Desde a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em Aparecida, o tema da ABP substituindo uma "pastoral bíblica" tem aparecido com certa frequência em publicações teológicas e documentos da conferência episcopal brasileira. Contudo, grande parte do trabalho de ABP ainda é pensado desde a estrutura paroquial (cursos, catequese, homilias, leitura orante etc.). Mesmo com a dolorosa pandemia de Covid-19 (2019-2020), quando as casas funcionaram como um ambiente de abrigo sanitário e exigiram formas domésticas de experiência de fé e da Palavra de Deus, não aconteceu um movimento claro para consolidar modelos de celebrações, leituras da Palavra, espiritualidade e estudo em casa. Em muitos lugares, apenas transferiu-se a celebração dos sacramentos para ambientes virtuais.

Recentemente, o episcopado brasileiro tem se dedicado a repensar o espaço da paróquia como centro de aglutinação de iniciativas comunitárias menores, as *comunidades de comunidades*. Nessa reflexão, a fé pública, celebrada e aprofundada na paróquia, configura-se como uma expressão dos espaços mais íntimos, familiares, lugares da manifestação de Deus, as *Igrejas Domésticas*. Em seu doc. 100, *Comunidade de comunidades, uma nova paróquia* (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2014), a CNBB resgata a casa como estrutura fundamental das Igrejas Paulinas, o lugar estável onde se reúne a família (Doc. 100, n. 99).

Ainda assim, e sendo bem verdade que a realização da proposta de comunidades de comunidades envolve uma mudança de mentalidade complexa, a ABP continua sendo pouco explorada quanto à sua aplicação nas casas. Inspirados pelo estudo das casas de Jesus em Marcos e alicerçados nas propostas da CNBB, podemos discutir a experiência com a Palavra em três ambientes domésticos: as famílias, os grupos bíblicos e as CEBs.

Como vimos, a casa de Jesus no texto marcano é espaço onde as multidões se reúnem ao redor da Palavra, espaço de catequese e ensino (2,2). O Doc. 100 da CNBB fortalece essa ideia de que a família "é o lugar por excelência em que a Palavra de Deus deve ser escutada, acolhida, vivida e transmitida" (Doc. 100, n. 185), sendo um espaço fundamental de expressão da ABP. Inspirado pela *Amoris Laetitia* do Papa Francisco, a CNBB convoca a família a ser uma escola da Palavra, um espaço de manifestação ressoante do anúncio querigmático, um centro seguro profundo e sólido da atividade evangelizadora (Doc. 100, n. 187). Com base na *Familiares Consortio* de João Paulo II, o texto caracteriza a família que escuta cotidianamente a Palavra como autêntica Igreja Doméstica, aquela que custodia, comunica e revela o amor de Deus (Doc. 100, n. 188).

Nesse sentido, é fundamental um olhar cuidadoso para uma catequese pouco bíblica desenvolvida na contemporaneidade por muitas décadas. Os pais, mães e líderes de famílias precisam ser alimentados na paróquia com boa pregação, mas também com boa instrução para conduzirem momentos familiares de devoção e intimidade com a Palavra de Deus. Isso envolve espaços de catequese não somente para não catequizados, mas também uma instrução religiosa profunda e contínua para os próprios membros da comunidade. Em Marcos, Jesus devolve as pessoas às suas casas (Mc 2,11; 5,19; 8,26), para viver nelas e estender para elas o projeto do Reino, tornando-as também espaço de manifestação do sagrado. É preciso um novo olhar sobre a paróquia, não como espaço religioso exclusivo, resgatando a sacralidade da vida familiar e do ambiente doméstico como lugar em que a vida com Deus é desenvolvida nas lutas cotidianas e, então, é compartilhada na vida paroquial, em um processo de retroalimentação.

A casa retratada no Evangelho marcano não é um pedágio da graça, mas espaço dispensador dela, lugar do perdão. Nela reúnem-se aqueles que estão à margem da sociedade e da religião de seu tempo: Jesus torna sua a casa de pescadores (2,1), convoca à mesa publicanos e pecadores, e se nega a permitir que qualquer grupo, ainda que sua própria família, tenha privilégios, submetendo a participação na Igreja Doméstica ao critério de fazer a vontade do Pai (3,31-35). Ali acontece a manifestação da graciosidade e do perdão divinos, orientando a vida de todos – os enfermos, a audiência, os que estão lá para acusá-lo – a um novo rumo. A visão da família como Igreja doméstica também é ampliada em seu escopo pela CNBB, que, em seu doc. 111, *"E a Palavra habitou entre nós" (Jo 1,14): Animação Bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias* (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2022), lembra que o Evangelho também quer chegar às famílias cristãs que se encontram em situações chamadas "irregulares" (Doc. 111, n. 185), marginalizadas.

Também é importante recordar que muitas pessoas estão exiladas de sua família de origem por diferentes situações, que precisam de caminhos para vencer a solidão e encontrar suporte nas lutas cotidianas. Dessa forma, a ABP nas Igrejas Domésticas favorece a estruturação de grupos orgânicos, acolhedores e próximos, que se organizam geograficamente ou afetivamente como verdadeiras *pequenas comunidades* enraizadas na Palavra e conectadas à paróquia, sejam grupos bíblicos de diferentes naturezas ou espaços mais organizados como as CEBs. Essa é uma forma de combater o individualismo e anonimato causado pela cultura urbana dos aglomerados habitacionais cada vez mais constantes no Brasil: "Em um Brasil cada vez mais urbano, o melhor modo de aproximar-se da Palavra de Deus é fazer isso em pequenos grupos, com forte sentimento comunitário e dinamismo missionário" (Doc. 111, n. 235). Essas pequenas comunidades estão em relação orgânica com a ABP, sendo uma resposta a uma exigência de uma experiência de Igreja que tenha a Palavra de Deus como base para os relacionamentos fraternos (Doc. 111, n. 237).

Por isso, o modelo de paróquia importante para nosso tempo é aquele setorizado em pequenas comunidades que tenham como fundamento a Palavra de Deus e a Eucaristia, de forma que ocupem um papel fundamental na vida desses grupos a Leitura Orante da Bíblia e os Círculos Bíblicos (Doc. 100, n. 252). Quando a CNBB reflete sobre a conversão pastoral da paróquia no formato de comunidade de comunidades, resgata a imagem paulina da casa, *Igreja Doméstica*, onde a família se reunia e formava um ambiente de "acolhida dos fiéis que ouviam a Palavra, repartiam o pão e viviam a caridade que Jesus ensinou" (Doc. 100, n. 99). Nessa perspectiva, a comunidade cristã é entendida como "casa da Palavra", escutada de forma particular na liturgia, mas sob a exigência de um encontro particular com a Jesus Cristo que é favorecido pelos "Círculos Bíblicos e a prática da Leitura Orante da Palavra, na perspectiva da animação bíblica da pastoral" (Doc. 100, n. 180). Por isso, valoriza o ardor evangelizador e o diálogo com o mundo promovido pelas CEBs, que permitem ao povo um conhecimento mais profundo da Palavra de Deus, em comunhão com a paróquia local (Doc. 100, n. 228).

O episcopado brasileiro retoma a experiência dos Círculos bíblicos como "uma maneira muito inspiradora de colocar a Bíblia nos caminhos do povo e, em sentido inverso, orientar o povo de Deus pelos caminhos da Bíblia" (Doc. 111, n. 175). Valoriza-se a dimensão hermenêutica alcançada pela leitura comunitária da Sagrada Escritura feita em grupos de famílias ou grupos por afinidades, já que neles os horizontes de sentido são ampliados quando a Palavra é questionada pelas carências e necessidades próprias do povo e aponta a eles caminhos e critérios de discernimento (Doc. 111, n. 176).

Essa experiência de aprofundamento da fé é a característica fundamental do ensino doméstico retratado por Marcos na segunda parte de seu Evangelho, como desenvolvido anteriormente, refletindo uma experiência histórica da comunidade marcana. O

evangelista reflete a experiências, em seu tempo, de ser Igreja na casa, como um espaço físico e humano, uma nova maneira de ser comunidade (Aguirre Monasterio, 1984, p. 36-37). Ali, esses cristãos podiam experimentar um espaço de aprendizado e vivência da fé: eram catequizados, provavelmente celebravam a eucaristia, entendiam o mistério de Jesus Cristo, aprofundavam sua compreensão doutrinária, discutiam o sentido da vida e do projeto do Reino. A experiência nas casas era tão profunda, que significava a presença poderosa de Jesus, mesmo quando ele estava já estava ausente como ser humano (Collins, 1993, p. 18).

Nesse sentido, é preciso retomar as casas como esse espaço de aprofundamento da fé a partir de uma leitura bíblica madura. Discussões bíblicas têm chegado hoje às residências em geral por meio da tecnologia: TV, rádio, redes sociais, aplicativos, comentários homiléticos em grandes grupos (e com pouca força de aplicação em realidades específicas), influenciadores cristãos com diferentes níveis de formação religiosa, muitas vezes, com escassa formação teológica de qualidade. Muita gente hoje aprende sobre a fé com músicas religiosas de diferentes naturezas e expressando concepções sobre Deus das mais diversas. É preciso que aconteça uma formação paroquial madura, mas também que sejam criados espaços virtuais para que uma boa evangelização e formação chegue nas casas por meio de pessoas reais, comprometidas com a evangelização e, sobretudo, bem formadas em Bíblia e teologia, clérigos e leigos.

Refletindo sobre a Palavra de Deus na missão da Igreja no Doc. 97, *Discípulos e Servidores da Palavra de Deus na Missão da Igreja* (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2012), a CNBB fomenta ambientes em que se desenvolva o estudo bíblico para todos os membros da Igreja como parte da ABP, sobretudo na catequese. Esse estudo deve analisar o sentido do texto em sua totalidade, contemplando a dimensão literal, recuperando seu contexto histórico e escapando de leituras fundamentalistas e ideológicas, e o sentido espiritual do texto, experimentado no estudo e oração (Doc. 97, n. 42-46). Configura-se nosso desafio fazer que esse tipo de leitura analítica, madura e consciente chegue também nas casas por meio de um trabalho sistemático de formação de líderes, elaboração de subsídios e disponibilização de cursos e treinamentos que sigam abordagens pedagógicas atuais, envolventes e com alta resposta de aprendizado. Só assim, as casas podem se tornar espaços de parada e aprofundamento, ambientes em que uma fé madura, formada no afeto e na Palavra, encontra-se continuamente com a vida concreta.

6 Considerações finais

Diferentemente dos demais sinóticos, no Evangelho de Marcos, a casa de Jesus ocupa um lugar de destaque, para além de moradia e consumo, em diferentes níveis: (a) é o ambiente propício para restauração da saúde e ensinamento, em contraste com a oposição imposta pelos adversários de Jesus; (b) é um lugar de intimidade com os discípulos, onde acontece ensino e revelação, contrastando com a dinâmica marcana do segredo messiânico; (c) ela ampara o retrato de uma nova família, para além do sistema de reciprocidade do clã, ampliando a missão da casa como espaço de encontro e formação; (d) a casa é um espaço arquitetônico de manifestação do sagrado, em oposição à sinagoga, mas também ao templo; (e) é o ambiente dos afetos, propício para a manifestação de dúvidas, reflexões profundas sobre a vida e a fé, a correção fraterna. Sendo um elemento distintivo marcano, é bem provável que esse modelo pastoral seja o reflexo da comunidade onde nasce seu texto. O Evangelho de Marcos se dirige aos simples e marginalizados, aos "da casa", que encontraram na experiência da casa o

próprio Cristo, ressoando provavelmente na celebração da Eucaristia e na escuta atenta da Palavra

Para Marcos, a casa não é o lugar da solidão de um Jesus aturdido, que quer fugir das multidões, mas um espaço de um novo encontro, de uma nova configuração de comunidade alicerçada nas relações, humanas e com o divino. A própria experiência de Deus do Jesus histórico, um pobre galileu com poucos recursos para constantes viagens a Jerusalém, teve como centro a casa. A ABP tem muito a aprender e extrair desta prática de Jesus, pois é nas casas das nossas famílias que a vida está latente, com suas potencialidades e lutas. Ali, a vida se expressa com potência e se encontra com a Palavra. A casa é hoje onde acontecem muitas reuniões de grupos de reflexão bíblica, grupos de catequese, encontros de grupos de pastorais e movimentos. Nelas, as relações fraternas são mais espontâneas e menos formais. Nas casas a Palavra de Deus encontra o seu chão, seu espaço, sua acolhida e, sempre que é conduzida por cristãos bem formados, torna-se um espaço de ensino mistagógico, espaço de encontro racional, afetivo, existencial com Cristo.

Referências

AGUIRRE MONASTÉRIO, Rafael. La casa como estructura base del cristianismo primitivo. *Estudios eclesiásticos: Revista de investigación e información teológica y canónica,* Madrid, v. 59, n. 228, p. 27-51, 1984. Disponível em: https://revistas.comillas.edu/estudioseclesiasticos/en/article/view/17693/15591. Acesso em 10 out. 2025.

ARANDA, Pedro. *La casa, espacio de memoria e identidad en el evangelio según Marcos*. Estella: Verbo Divino, 2012.

BAUER, Walter; DANKER, Frederick William; ARNDT, William Frederick; GINGRICH, Felix Wilbur (ed.). *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 4th ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2021.

BLASS, Friedrich; DEBRUNNER, Albert. *A Greek Grammar of the New Testament and Other Christian Literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 1961.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *"E a Palavra habitou entre nós" (Jo 1,14):* Animação Bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias. Brasília: CNBB, 2022.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de Comunidades:* uma nova paróquia: a conversão Pastoral da paróquia. São Paulo: Paulinas, 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Discípulos e servidores da Palavra de Deus na Missão da Igreja*. Brasília: CNBB, 2012.

COLLINS, Raymond F. The Transformation of a Motif: "They Entered the House of Simon and Andrew" (Mark 1,29). *Studien zum Neuen Testament und seiner Umwelt,* Linz, v. 18, p. 5-40, 1993.

DEWEY, Joanna. The Literary Structure of the Controversy Stories in Mark 2:1–3:6. *Journal of Biblical Literature,* Atlanta, v. 92, p. 394-401, 1973.

DONAHUE, John R.; Harrington, Daniel J. *The Gospel of Mark*. Collegeville: The Liturgical Press, 2002.

MALBON, Elizabeth Struthers. *Narrative space and mythic meaning in Mark*. Cambridge: Harper and Row, 1986.

MALBON, Elizabeth Struthers. TH OIKIA AYTOY: Mark 2.15 in context. *New Testament Studies*, Cambridge, v. 31, n. 2, p. 282-292, 1985. Disponível em https://www.cambridge.org/core/journals/new-testament-studies/article/abs/th-oikia-ato-mark-215-in-context/B4ED7192411293CC670BA6CE6F4C5726. Acesso em 10 out. 2025.

MALINA, Bruce J.; ROHRBAUGH, Richard L. *Evangelhos sinóticos:* comentário à luz das ciências sociais. São Paulo: Paulus, 2018

MALZONI, Cláudio Vianney. *Jesus em Betânia (Mc 14,3-9):* um gesto de generosidade e ternura no início do relato da Paixão. São Paulo: Paulinas, 2010.

MANNS, Frédéric. Le thème de la maison dans l'évangile de Marc. *Revue des Sciences Religieuses*, Strasbourg, v. 66, fasc. 1-2, p. 1-17, 1992. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rscir_0035-2217_1992_num_66_1_3186. Acesso em: 10 out. 2025.

MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de Marcos:* estar ou não com Jesus. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004.

MICHEL, Otto. *Oíkos, oikía. In:* KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard (ed.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento.* São Paulo: Cultura Cristã, 2013. v. 2, p. 15-17.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos.* São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. (ed.). *Novum Testamentum Graece.* 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgeselschaft, 2012.

PEREGO, Giacomo. *Marco:* introduzione, traduzione e commento. Torino: Edizione San Paolo, 2011.

PIKAZA, Xabier. *Comentario al Evangelio de Marcos*. Barcelona: Editorial Clie, 2012.

RHOADS, David; DEWEY, Joanna; MICHIE, Donald. *Marcos como relato:* introducción a la narrativa de un Evangelio. Salamanca: Sígueme, 2002.

SCHLAEPFER, Carlos Frederico. A ética do seguimento em torno da casa de Jesus. *Estudos Bíblicos,* São Paulo, v. 21, n. 77, p. 39–48, 2022. Disponível em: https://revista.abib.org.br/EB/article/view/787. Acesso em: 10 out. 2025.

SCHNACKENBURG, Rudolf. *Vangelo secondo Marco.* Roma: Città Nuova, 2002.

SMITH, Dennis E. The House Gathering and the Poor in the Gospel of Mark. *In:* FRIESEN, Courtney J. P. *Envisioning God in the Humanities:* Essays on Christianity, Judaism, and Ancient Religion in Honor of Melissa Harl Sellew. Eugene: Cascade Books, 2018. p. 212-220.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Evangelho de Marcos:* Vol. I: 1–8 Refazer a casa. Petrópolis: Vozes, 2002.

SWETNAM, James. *Gramática do grego do Novo Testamento*: 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004. v. 1.

THEISSEN, Gerd. *Estudios de sociología del cristianismo primitivo*, Sígueme: Salamanca, 1985.

TRAINOR, Michael F. *The Quest for Home:* The Household in Mark's Community. Collegeville: The Liturgical Press, 2001.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS

Distribuído sob Creative Commons
CC-BY 4.0
© 2025 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

abib

Revista Oficial da ABIB –
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica